



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7158 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

FRONTEIRAS E ABISSALIDADES: VOZES DISSIDENTES E DISSONANTES NAS PRÁTICAS DE COMPOSIÇÃO DE CANÇÕES NO ENSINO MÉDIO

Eduardo Prestes Massena - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UNIRIO

FRONTEIRAS E ABISSALIDADES: VOZES DISSIDENTES E DISSONANTES NAS PRÁTICAS DE COMPOSIÇÃO DE CANÇÕES NO ENSINO MÉDIO

Trago para este trabalho fragmentos da experiência de composição coletiva de canções que desenvolvi com estudantes do ensino médio em escola pública do Rio de Janeiro, entre os anos de 2015 e 2018. Tal experiência consiste em compor canções com os estudantes sem impor formatos nem temáticas pré-estabelecidas. Por conta disso, estivemos sempre sujeitos aos imprevistos, aos múltiplos sentidos e a incômoda necessidade de transformar a riqueza dos debates estabelecidos numa única canção. A escolha dessas experiências se justifica por perceber que se trata de uma prática fronteira, hibridizada (Bhabha, 1998) pois é resultado do debate de ideias que no decorrer do curso deram forma e disputaram os sentidos do que deveria ou não ser cantado. Para tanto, utilizei trechos de textos, poesias e canções que me chegaram pelos diversos canais criados a partir dessa relação com os estudantes.

Quando entramos em nossa sala de aula, poucas são as variantes que podemos controlar, principalmente quando provocamos nesse espaço uma ruptura com os limites impostos pelos documentos curriculares oficiais. O trabalho com composição de canções nos impõe desafios tanto na criação de melodias como, na escrita coletiva dos versos a serem cantados. Nesse movimento, misturam-se diversos gêneros da música pop, referências sonoras/timbrísticas e escritas sinuosas que trazem para a aula de música temáticas complexas presentes em nossa sociedade. Para além das canções de amor, tais composições abordam questões sociais como o racismo, a violência policial, a violência doméstica, o machismo, a solidão entre outros.

O contato com os textos produzidos pelos estudantes, mesmo que formatados para um modelo escolar “padrão”, os “desuniformiza”, anuncia a impossibilidade de um corpo estudantil catalogável, alimenta nossa fronteira de uma multi-presença. Designo como fronteira as possibilidades da percepção do outro ou “onde algo começa a se fazer presente (Bhabha, 1998, p.24)”. Portanto essa fronteira não é localizável, não está somente na sala de aula no momento das nossas atividades, mas está também nos corredores, pátios e espaços virtuais diversos. As fronteiras não se constituem somente pelos sujeitos e suas questões, são afetadas também pelas regras institucionais, pelas limitações espaciais e/ou temporais, inclusive pelo tempo oferecido às aulas de música semanalmente. Portanto, sigo com a

mesma pergunta de Bhabha: de que forma se formam sujeitos nos entre-lugares, nos excedentes das somas das partes da diferença?

Outra marcação presente são as linhas abissais (Santos 2010), que estabelecem uma distinção entre visível e invisível, “dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo deste lado da linha e o universo do outro lado da linha” (Santos, 2010, p. 32). Nessa configuração, saberes, culturas ou corpos não eurocêntricos ou tidos como não importantes para a concepção *ocidentalocêntrica* de ciência ou para o avanço do capitalismo, são jogados para o outro lado da linha. “Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical” (Santos, 2010, p. 32), então, provoca a inexistência dessa produção e a impossibilidade de “copresença dos dois lados da linha” (p. 32). Os versos dos estudantes autores, visibilizam questões que a escola, em sua concepção “eurocêntrica do saber”, torna invisível ou menos importante. Tais linhas marcam as desigualdades sociais, de gênero, raciais e tornam menos importantes do lado de cá (o metropolitano) qualquer outro tipo de conhecimento que não negocie com a ciência moderna e seu monopólio de verdade.

Nossos currículos são criações cotidianas (Oliveira, 2012) e, nesse sentido, as canções se tornaram campos de debates e registros autobiográficos. Tais autorias se distanciam da lista de “objetivos” e “conteúdos” impostos pelos documentos curriculares oficiais unificados e, foram preenchidas pelas vozes dissonantes e dissidentes presentes nas salas de aula. Assim, enquanto uma turma cantava - “eu vou usar o que eu quiser, não vai ter ninguém pra me ensinar a ser mulher, eu vou ser quem eu quiser, magrinha, gordinha, loira, morena, pretinha, quem eu quiser” - outra seguia dizendo - “desculpa se me atrasei, você se acompanhou da sua solidão, desculpa se me atrasei, você ficou sozinha na escuridão”. Não existe rota pré-fixada nas decisões poéticas ou melódicas, é um campo em constante disputa até que os versos fiquem prontos. São muitas as divergências e, não raros, os descontentamentos com termos ou expressões que se consolidam na escrita definitiva.

Na etapa final de cada processo, todas as canções foram ensaiadas e gravadas, permitindo que os estudantes escutassem e trocassem impressões sobre suas produções musicais. Desta forma, as canções romperam os limites das aulas e passaram a frequentar os pátios da escola e os fones de ouvido dos estudantes, num movimento onde não mais permitiu saber o seu alcance e nem onde foram executadas.

Assim, penso o processo de elaboração das canções como uma formação no entre-lugar, no contato entre as diferenças e na produção de hibridismos. É entre-lugar pois trabalha na fronteira na qual as presenças das vozes são sempre dissonantes e negociam sentidos provocando deslocamentos. Tais deslocamentos não são movimentos previamente programados ou simétricos, resultam da interação entre os diferentes, fazendo com que esse contato seja o suficiente para provocar no outro algum tipo de resposta. São também autorias curriculares marcadas pelo deslocar das linhas abissais, que num movimento astucioso (Certeau, 2012), joga para dentro da escola os saberes tidos como menos importantes, justamente por serem produzidos como inexistentes. A canção como resultado final se torna um corpo híbrido “que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (Bhabha, 1998, p.22)”, não dá mais para reclassificar as partes nem saber seus autores. O registro final, feito em gravação de áudio, materializa os anseios e ainda assim provoca divergências quanto ao timbre utilizado, o instrumento “mal tocado” ou a voz cantada na “hora errada”. Cada canção é uma espécie de retrato, uma tentativa de paralisar o tempo e registrar em palavras e melodias a ação criativa e provisória dos estudantes.

Palavras-chave: Currículo. Educação musical. Composição de canções. Ensino médio. Escola pública.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K., O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, Boaventura de S. (Org) Epistemologias do Sul. São Paulo. Cortez, 2010.

OLIVEIRA, I. B. O Currículo como criação cotidiana. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.